

## OUTRAS OPINIÕES

## Sarney, de novo, sempre

SARNEY, JOSÉ (SEN.)

A primeira crise política da Era Lula está aí, franqueada aos eleitores, cinco semanas depois da posse e uma semana depois da instalação do novo Congresso. Recorde nada airoso. Mas não se trata de uma crise interna no partido do governo, é um abalo no compromisso de mudanças que empolgou o país. Não é um racha sobre interpretações teóricas ou táticas, é uma fenda profunda no seu acervo mais precioso: o de representar a consciência crítica nacional.

Se os desdobramentos chegaram à área econômica (descambando para um gênero de grosseria que o partido jamais usou quando era oposição), o rastilho foi aceso pela imposição do senador José Sarney para a presidência da Câmara Alta. Esse o cerne, essa a raiz, esse é o símbolo – palavra do momento – de um cisma moral que não se confina aos militantes petistas.

O Fome Zero não depende de aprovação parlamentar nem da sua repercussão na imprensa internacional. O presidente Lula falou em “mutirão”, em tupi *mutirum*, que significa empreitada nacional, convocação coletiva. Solidariedade.

Qualquer que seja o nome, seu êxito será construído a partir da credibilidade. A organização e operacionalidade do Fome Zero se ajustarão com relativa facilidade se dele irradiar-se um clima de confiabilidade, fé. Esta jamais será alcançada enquanto ignorarmos as causas estruturais da miséria em nosso país – coronelismo, mandonismo, nepotismo, desvio de verbas, cumplicidade judiciária. Parecem causas abstratas, mas se a fome for claramente associada à palavra corrupção entender-se-á por que a brava senadora Heloísa Helena recusou-se a comparecer à encenação que levou o vice-rei do Nordeste à chefia do Legislativo.

A senadora classificou o senador pelo Amapá, e dono do Maranhão, como “oligarca”. Foi



ALBERTO DINES

JORNALISTA

até moderada. Outros petistas históricos ainda não engoliram a pérola sarneisiana durante a campanha eleitoral (“Se temos que passar pelo gargalo do PT, então vamos passar logo”). Apesar da apregoada habilidade política, o senador-literato foi mais cândido do que o personagem de Voltaire e disse o que pensava: sua adesão a Lula foi oportunista. Essa é a convicção íntima desse que será o braço parlamentar do governo do PT, esse é flagrante íntimo do garantidor da governabilidade, avalista do empenho por mudanças.

A fome será extinta quando os donos do poder deixarem de colecionar milhões em notas de 50 reais. Silveirinha, o fiscal do governador Garotinho, pode ser visto como um Robin Hood – tomava dos ricos (os grandes contribuintes) para distribuir aos

pobres da Suíça. Mas o dinheiro do casal Sarney-Murad era do povo nordestino, dos famintos.

O que estamos vendo agora é *real-politik* levada ao paroxismo, fantasia pré-carnavalesca, apagão da memória nacional. O *best-seller* deste verão que escancara a ditadura menciona Sarney apenas uma vez (nos agradecimentos, em 924 páginas de revelações). O braço político do regime militar, aquele que fazia o trabalhinho sujo para calar o MDB e garantir o silêncio em torno da repressão, está sendo branqueado de forma indecente. Esse é o *busilis* do confronto intestino do PT.

A discórdia sobre a política econômica no partido do governo só aconteceu agora porque o sapo foi grande demais. Não foi deflagrada quando o PT apresentou sua carta ao povo brasileiro, quando deu o aval ao acordo com o FMI, quando Lula garantiu que os contratos serão respeitados e o ministro Palocci fez os primeiros pronunciamentos. Mesmo a indicação de Henrique Meirelles para o Banco Central, que também confrontou a coerência política da senadora Heloísa Helena, pôde ser contornada, apesar das lágrimas.

A rejeição a Sarney mexe com revoltas mais profundas, orgânicas, instintivas. É a ressurreição do velho Nordeste com as práticas viciosas dos coronéis e a impunidade garantida por magistrados. É a consagração do cinismo de um político que ontem, na sua ladainha insossa na *Folha*, garantiu que “...a exigência da transparência na sociedade da informação... tornou-se reivindicação essencial...”. Então por que impediu a tramitação transparente do processo que envolve o genro e, indiretamente, a filha senadora?

Sarney despertou fúrias adormecidas. Amanhã acordarão outras, maiores, quando confirmada a informação de Dora Kramer neste *Jornal do Brasil* (também da *Folha* e de *Época*) de que o aparelho do Estado na Bahia grampeou o telefone de um adversário de ACM e, provavelmente, de dois petistas eminentes, o ministro do Trabalho, Jacques Wagner, e o corregedor geral da União, Waldyr Pires.

Vai sobrar para o Palocci

Alberto Dines escreve nesta página aos sábados